

CONSTRUÇÃO “SUBJETIVA” É + ADJETIVO ASSEVERATIVO

Jocinéia Andrade

Orientadora: Prof. Dr. Nilza Dias

Mestranda

Introdução

Este trabalho é uma abordagem sobre construções completivas, constituídas de *é + nome (claro, óbvio, lógico e evidente)* que, no nível sintático, selecionam um argumento na posição de sujeito, a oração completiva subjetiva (na GT: oração subordinada substantiva subjetiva). Tendo em vista a proposta teórica Funcionalista, preocupada em estudar a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que as estruturas gramaticais são usadas, investiga-se a partir das inferências sugeridas pelo contexto pragmático-discursivo, as combinações semânticas responsáveis pelo processo de mudança linguística.(TRAUGOTT&DASHER,2005).

A investigação tem por finalidade revelar a marca de (inter) subjetividade do falante em relação ao evento expresso na completiva sujeito. As matrizes são, portanto, detentoras de modalidade, entendendo modalização como a tomada de posição do falante diante de uma proposição (cf. NEVES, 2006). Neves (2006) afirma que a modalidade epistêmica está ligada ao conhecimento que pode ser manifestado no campo da certeza à incerteza. A autora considera que as orações matrizes escolhidas para este trabalho expressam modalidade epistêmica asseverativa, isto é, encontram-se no campo da extrema certeza, da precisão. A análise dos dados pretende demonstrar que até mesmo a modalidade epistêmica asseverativa apresenta graus expressos em um *continuum* de menos asseverativo a mais asseverativo. Sendo assim, o principal objetivo do trabalho consiste em identificar quais fatores contribuem para essa gradualidade, investigando a inter-relação entre mais/menos impessoalidade e mais/menos assertividade. Assim posto, pretende-se caracterizar o entorno da completiva.

(i)Verificar a presença de recursos de evidencialidade e de argumentação que influenciam na

gradualidade da modalização; além de, (ii) verificar quais marcas de avaliação tornam a construção menos asseverativa.

O nosso trabalho adota análise funcionalista na linha norte-americana, com contribuições da Semântica Cognitiva. As seções serão assim apresentadas: introdução, pressupostos teóricos, metodologia, análise de dados, considerações finais e referências bibliográficas.

Pressupostos Teóricos

Apresentando a construção asseverativa

O termo construção abrange um conjunto de vertentes, mas assume um ponto em comum. Em todos os estudos entende-se que a unidade básica da gramática são pareamentos convencionais de forma e significado. O modelo da Gramática de Construções foi iniciado por Charles Fillmore (1979), priorizando expressões idiomáticas. Com o tempo, expandiram-se os estudos e passaram a dar importância também as formas não canônicas, percebendo que não havia diferença substancial entre formas canônicas e periféricas.

Atualmente merece destaque o trabalho de Goldberg (1995) que afirma : “C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado , de tal forma que nenhum aspecto de Fi ou de Si seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4)”

Goldberg vem de encontro ao pensamento de estudiosos da Gramática Gerativa de que as construções são meras consequências da aplicação de regras sintáticas. A autora defende a autonomia das construções em seu estatuto teórico. Propõe a relação entre forma e significado é bastante integrada. Entendendo forma como padrão formal e também como significante, abrangendo formas presas, itens lexicais e sentenças. Dessa maneira Goldberg considera toda e qualquer estrutura linguística como construcional, da cláusula ao morfema.

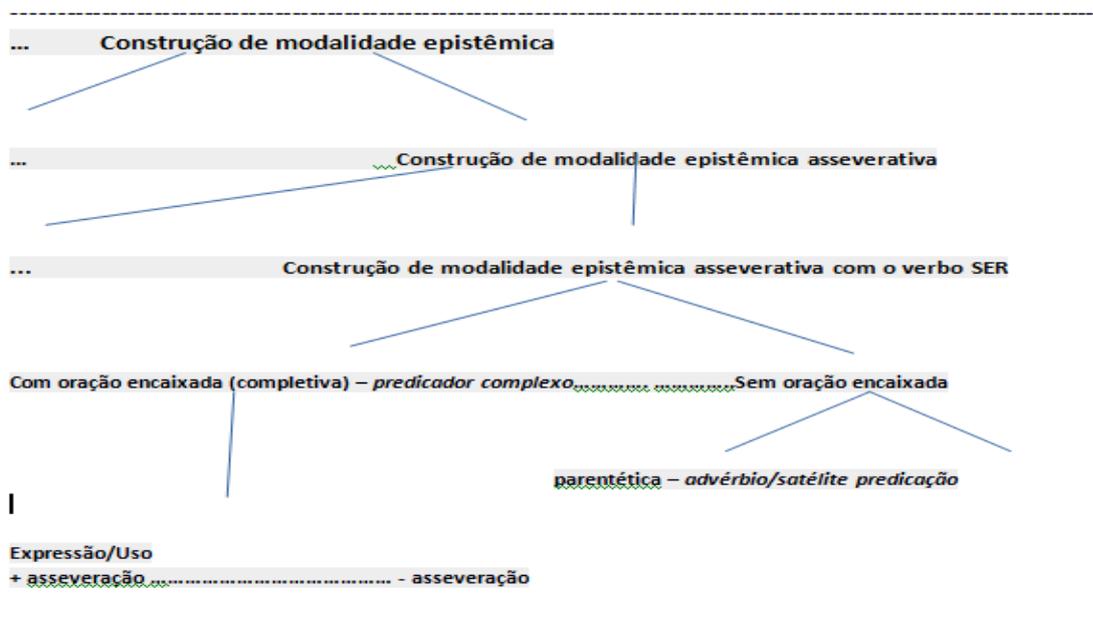
Segundo Croft (apud TROUSDALE, 2008, p.5-6) construção é uma unidade convencional simbólica. São consideradas convencionais por serem compartilhadas entre um grupo de falantes. E simbólicas por serem associações arbitrárias de forma e significado. Dessa maneira, as construções são unidades já tão frequentes que são consideradas como um par forma-significado na mente dos falantes. Pode-se entender por uma construção gramatical como uma matriz que contém parâmetros a serem preenchidos com valores disponíveis na

língua. Apresenta uma forma fixa com *slots* a serem preenchidos. No presente estudo, será abordada a construção verbo *ser* na 3ª pessoa+ adjetivo asseverativo + completiva sujeito, demonstrando que há uma estrutura padrão com “slots” a serem preenchidos.

Traugott (2008) também se dedica aos estudos da Gramática de Construções e, baseando-se no modelo croftiano, propõe uma hierarquia nos estudos da Construção, definindo níveis de esquematicidade:

- (a) Macro-construção : os esquemas mais altos e construções altamente abstratas.
- (b) Meso-construções: traços de similaridade e de comportamento das construções.
- (c) Micro-construções: tipo de construção individual.
- (d) Construtos: são os tokens, a comprovação da mudança, o lugar da inovação.

A seguir a construção em estudo em níveis de esquematicidade :



Quadro 1 – Esquema da construção

Entorno Linguístico

Os estudos linguísticos no presente trabalho são apresentados a partir de uma abordagem que se baseia na língua em uso, o que caracteriza a Linguística Funcional. Dessa maneira, são analisadas as pressões do contexto de uso e também fatores sociais. Ao observarmos esses fatores externos que acabam modificando a análise de um dado, percebe-se a necessidade de caracterizar o entorno, ou seja, analisar o contexto de uso, enumerando traços linguísticos no

entorno da construção e observando, ainda, características textuais . Os seguintes fatores serão analisados : Impessoalidade da construção, modalização, avaliação, evidencialidade e argumentação.

A **(i)Impessoalidade** é um fator importante neste estudo, pois expressa a gradualidade assertiva do dado. Apesar de todas as construções apresentarem um valor semântico impessoal, a impessoalização é mais atenuada em algumas construções. Isso é verificado inicialmente pelos pares opostos: **geral x específico e objetivo x (inter) subjetivo**. Percebe-se que quanto maior o distanciamento do falante, quanto mais geral a construção, maior a estratégia do falante de atribuir valor de verdade à proposição e, com isso, mais (inter) subjetividade. Quanto mais específico, ou seja, marcado por primeira pessoa, inclusão do falante, menor a (inter) subjetividade. Ao serem observados os níveis de intensidade nas marcas de **subjetividade e intersubjetividade**, percebe-se que a **(ii)modalização** também é expressa em graus, isto é, o modalizador pode ser mais ou menos asseverativo a depender do valor geral da construção e da marca de (inter) subjetividade.

Os fatores descritos acima muito contribuem para análise de dados principalmente com o predicador *é claro*, mas são ainda insuficientes para análise das construções com os outros predicadores (*óbvio, lógico e evidente*). Ainda na tentativa de caracterizar o entorno da construção, verificou-se um outro fator muito relevante: **(iii)a avaliação** (julgamento e apreciação). A avaliação consiste no meio pelo qual o narrador enfatiza ou ofusca determinados elementos em detrimento de outros. Trata-se, portanto, de uma participação e uma exposição mais subjetiva do narrador na história que se conta.

Goodwin (1987) acrescenta que a avaliação não é um traço, necessariamente, segmental, podendo se manifestar por meio de ênfases, entonação, alongamentos e/ou sobreposições e, mesmo, olhares e gestos. A autora fala em *gatilhos*, ou seja, *recursos paralinguísticos* que indicariam a possibilidade de avaliação para o interlocutor. Hunston e Thompson apontam para a existência de determinados vocábulos que já seriam, *per si*, de natureza avaliativa, como alguns adjetivos, advérbios e verbos. Esclarecem, todavia, que, muitas vezes, é necessária uma bagagem cultural para que a interpretação seja satisfatória e as avaliações sugeridas sejam compreendidas.

Na visão de Neves (2003), os adjetivos seriam uma forma de expressar avaliação psicológica, uma vez que o falante exprime sua opinião por meio deles. Existem 4 tipos de

adjetivos, a saber: de qualidade, de quantidade, de autenticação e de relativização. Os adjetivos em estudo pertencem ao grupo dos qualificadores.

Outras abordagens que merecem destaques são as de Martin (1999, 2003) e White(2003), por meio da teoria *Appraisal*, por demonstrarem que a avaliação não se faz apenas por meio do emprego de determinados vocábulos ou expressões, mas pela união de diversos elementos presentes no texto, tanto explícita, quanto implicitamente. White propõe os seguintes tipos de avaliação:

- 1) Afeto: ressalta os sentimentos do falante.
- 2) Julgamento: trata da moralidade (ou não) nas ações dos indivíduos.
- 3)Apreciação: avaliação da forma, aparência e composição de artefatos humanos.

Nos dados analisados, é possível encontrar julgamento e apreciação. O termo Julgamento (Feez e White, 1994; Martin, 2000) faz referência à avaliação positiva ou negativa que o falante faz, seguindo um conjunto de normas sociais. Essas normas são determinadas por valores sociais e culturais, funcionando como regulamentos a serem seguidos. Dessa forma há um sistema de valores impostos, seja por lei, por cultura ou até mesmo ditado pela consciência. Então, o falante emite uma avaliação das ações dos participantes da interação, com base nas regras de padrão comportamental. Na apreciação, o falante demonstra uma reação, emitindo um valor a um determinado elemento. Essa reação pode ser por razões emocionais ou por padrões culturais já definidos.

O maior objetivo da modalidade asseverativa é atribuir valor de verdade à proposição. O entorno avaliativo quebra um pouco o valor de verdade da construção, tornando mais opinativo e não uma afirmação geral válida para todos, o que permite afirmar que a carga de avaliação é um fator relevante ao observarmos a marca da (inter) subjetividade e, em consequência disso, a gradualidade do modalizador, sendo menos asseverativo quando o entorno é avaliativo ou até mesmo quando o próprio predicador tem uma carga avaliativa, como é o caso de *óbvio e lógico*, que demonstram ser menos asseverativos que o *claro*.

A **(iv) evidencialidade** e a **(v) argumentação** são características textuais presentes no entorno da construção que também contribuem para a análise do dado, tornando-o mais ou menos assertivo. Palmer (1986), assim como Bybee *et alii* (1995), afirmam que a evidencialidade está dentro da modalidade epistêmica. Galvão (2002) aponta que há autores

que diferenciam modalidade e evidencialidade, ao passo que outros a reconhecem como uma categoria modal que pode ou não estar se gramaticalizando. Independente da falta de consenso, evidencialidade está sendo considerada, neste trabalho, a partir de Bybee, Perkins & Pagliuca como “marcadores que indicam algo sobre a fonte de informação da proposição.” (1994, p.184).

Willet (1988) divide a evidência em direta e indireta. Direta quando o falante relata que viu ou ouviu e indireta, quando está ligada a inferências, por inferir a partir de situações observáveis ou pela intuição, lógica ou experiências prévias. O falante, ao usar de evidencialidade, atribui maior autoridade àquilo que diz. O predicador *evidente* é permeado de evidencialidade, atenuando o valor de verdade da construção, tornando-a mais verdadeira e portanto, mais assertiva. O que nos permite afirmar que a evidencialidade tem um importante papel na análise da gradualidade do modalizador e da intensidade da marca de (inter) subjetividade da construção. Outros fatores ainda devem ser observados na caracterização do entorno linguístico, tais como : **assunto** (uma notícia, estatísticas, contexto político, informações compartilhadas), **gênero textual** (discurso de vereadores, artigo de opinião em revistas) e ainda , a **(v)argumentação** (justificativas).

O conteúdo abordado, obviamente, influencia no grau de asserção da construção, pois dependendo do que se trata, apresentará mais ou menos motivos para que o outro acredite. O gênero textual, portanto, cumpre um papel importante no que concerne a marca de intersubjetividade do falante.

Segundo Abreu (1994), os gêneros textuais são acontecimentos ligados à vida cultural e social e o seu número é praticamente infinito. O autor afirma que alguns gêneros podem desaparecer e outros podem sofrer modificações ao longo do tempo. São considerados, portanto, entidades comunicativas resultantes de processos de interação social em que “Sempre que praticamos qualquer ato de linguagem, estaremos dentro de um gênero textual, uma vez que eles ordenam e estabilizam, ainda que de maneira bastante plástica e maleável, nossas atividades comunicativas do dia a dia.” (p. 55).

Na concepção de Bakhtin (2011), os gêneros fazem parte da interação humana, orientando e organizando o enunciado. Assim, se o falante domina determinado gênero, torna-se capaz de interagir nas diferentes situações comunicativas, maior será o domínio do gênero por parte do falante, maior será a eficiência de sua fala na linguagem.

Os gêneros textuais são enunciados relativamente estáveis (Bakhtin, 2011) que estruturam a prática comunicativa individual no convívio em sociedade. Por se tratar de modos de expressão, os gêneros são caracterizados como textos variáveis que ganham forma de acordo com as mudanças culturais que tangem o convívio social, por exemplo, a carta, o e-mail, a reportagem, uma tese etc.

De acordo com Marcuschi (2002), o gênero textual é definido como uma noção vaga em referência aos textos materializados, encontrados no cotidiano e que apresenta características definidas pelo conteúdo, estilo, função e composição. Ou seja, gênero é a realização concreta do texto histórico, social e culturalmente produzido pelos falantes da língua, com intenção de suprir as necessidades do falante.

No que concerne ao modo de organização argumentativo, pode-se dizer que argumentar é levar o outro a partilhar de uma mesma opinião, é fazer com que uma pessoa proceda de acordo com a vontade do outro. Koch (2008) conceitua argumentação: “argumentar é orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões”. Para Abreu (2009), “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. Segundo esse autor, convencer dá-se pelo confronto no campo das ideias (lógica), enquanto persuadir é a discussão no âmbito da subjetividade (emoção). Ainda nas palavras de Abreu:

Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções. [...] Argumentar é motivar o outro a fazer o que queremos, mas deixando que ele faça isso com autonomia, sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha. (ABREU, 1994, p. 97).

Segundo Koch, a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentado ao uso linguístico, pelo contrário, está inscrita na própria língua. Isto significa dizer que o uso da linguagem, por si só, é argumentativo. Sabe-se que nem todo texto é argumentativo, entretanto todo texto tem sua argumentatividade, que é a tentativa de convencer o outro. Todo enunciado é direcionado ao outro e todo falante, ainda que implicitamente, deseja que o interlocutor acredite no que é enunciado.

Vieira (2002) aborda argumentação, retratando os componentes argumentativos, isto é, como são elaborados os movimentos argumentativos e os subdivide em grupos: (i) a posição (ponto de vista), (ii) a disputa e (iii) a sustentação do ponto de vista. A posição retrata o posicionamento a ser defendido pelo locutor, feito a partir de ideias e informações concedidas ao interlocutor, a fim de que ele perceba a sua crença. A disputa faz referência à sustentação da sua posição quando já se imagina um desacordo pela parte do interlocutor e, é assim composto por contra-argumentos e/ou conectores concessivos, por exemplo. E, por fim, a sustentação, componente de grande importância na argumentação, é responsável por atribuir credibilidade ao argumento, uma vez que sustenta aquilo que é defendido por diferentes formas como: evidências que comprovam a ideia, exemplos com fatos como dados estatísticos e testemunhos ou justificativas de ideias.

Nas construções impessoais com modalizador asseverativo, a argumentatividade é atenuada, visto que todas as construções são intersubjetivas, ou seja, esperam uma atitude/crença do interlocutor. O que se pretende é analisar fatores que explicitam a argumentação, demonstrando-a como um fator importante para marcar a intersubjetividade do falante e, com isso, verificar que quanto mais cercado de argumentação mais assertiva a construção.

Dessa maneira, propõe-se o seguinte quadro de caracterização do entorno linguístico:

<i>IMPESSOALIDADE</i>	+ GERAL X + ESPECÍFICO + OBJETIVO X + (INTER)SUBJETIVO MODALIDADE
<i>AVALIAÇÃO</i>	JULGAMENTO APRECIÇÃO
<i>EVIDENCIALIDADE</i>	DIRETA INDIRETA – INFERÊNCIAS
<i>ASSUNTO</i>	notícia, estatísticas, contexto político, informações compartilhadas
<i>GÊNERO TEXTUAL</i>	discurso de vereadores, artigo de opinião em revistas
<i>ARGUMENTAÇÃO</i>	JUSTIFICATIVAS

Quadro 2: caracterização do entorno

Além dos fatores citados : presença X ausência de evidencialidade, presença X ausência de argumentação, marcas X não marcas de avaliação, outros fatores foram observados no entorno da construção. Observa-se que há pares que se repetem, contribuindo também para a análise dos dados. Geralmente o entorno da construção é rodeado de primeira pessoa e a construção em 3ª pessoa de caráter geral (pessoalXimpessoal), ou ainda o entorno tem apenas declarações positivas e somente na construção impessoal um posicionamento negativo (positivo X negativo). Ambos os pares nos remetem a hipótese de que o falante quer se descomprometer, como afirma Neves : “O falante adq...

Dessa maneira, propõe-se um segundo quadro de caracterização do entorno, mais objetivo a fim de observar os opostos em entornoXconstrução, evidenciando a grande influência dos elementos do entorno na construção asseverativa.

Caracterização do Entorno	
Entorno	Construção
PESSOAL	IMPESSOAL
PRESENÇA EVIDENCIALIDADE	AUSÊNCIA EVIDENCIALIDADE
PRESENÇA ARGUMENTAÇÃO	AUSÊNCIA ARGUMENTAÇÃO
MARCAS DE AVALIAÇÃO	NÃO MARCAS DE AVALIAÇÃO

Quadro 3: caracterização do entorno

Metodologia

Utilizamos a proposta teórica funcionalista, com contribuições da Semântica Cognitiva. Os dados de escrita foram extraídos do acervo digital da revista *Veja*, no período de janeiro a junho de 2009, sendo o período mais atual disponibilizado pela revista. Ao acessar o site <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>, procedeu-se à *busca avançada*, ferramenta que possibilita buscar palavras ou expressões em todas as edições disponibilizadas *on-line*. Realizou-se a busca dos adjetivos *claro*, *evidente*, *lógico* e *óbvio*. Durante este período foi encontrada apenas uma ocorrência de *lógico* e devido ao número de ocorrência bem reduzido estendeu-se por mais 6 meses a coleta deste predicador e somente mais dois dados foram encontrados. Simultaneamente, utilizou-se o programa *Gadwin*, que permitiu a

captura rápida das imagens levantadas, facilitando seu armazenamento e, conseqüentemente, o levantamento dos dados. Os dados de fala foram retirados do projeto Discurso&Gramática, pelo site <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/>. As amostras coletadas são resultantes de propostas de narrativa de experiência pessoal, descrição de local, relato de procedimento e de opinião nas modalidades falada e escrita.

Foram selecionados e analisados os informantes 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 18 de Niterói; 6,10,12,13,18 e 20 do Rio de Janeiro para esta investigação, sendo que cada falante abarca mais ou menos 30 minutos. Alguns dados também foram retirados da amostra carioca senso PEUL 2000 pelo site <http://www.lettras.ufrj.br/peul/censo%202000.html> e ainda do acervo do discurso de vereadores no período de 2010.

Após o levantamento dos dados, foi feita uma análise baseada na leitura de autores funcionalistas, contando com a bibliografia nacional e internacional a fim de verificar o papel sintático e semântico da oração matriz e por fim, realizou-se uma contagem manual dos dados de escrita, com o objetivo de verificar o número de ocorrências total dos dados da escrita e de fala e verificou-se que as construções completivas subjetivas não são encontradas nos dados de fala com frequência.

<i>Número de ocorrências de dados escritos</i>	<i>Dados com Predicador</i>
Verbo ser +claro	27
Verbo ser +óbvio	11
Verbo ser +evidente	7
Verbo ser +lógico	2
Total	47

Quadro 4 : Contagem dos dados escritos

<i>Número de ocorrências de dados de fala</i>	<i>Dados com Predicador</i>
Verbo ser +claro	12
Verbo ser +óbvio	3
Verbo ser +evidente	0
Verbo ser +lógico	0
Total	15

Quadro5 : Contagem dos dados falados.

Conversando com os dados

Serão apresentados neste trabalho ocorrências das construções com predicador *claro* e *óbvio*.

Dado 1

E: Simone... agora eu gostaria que você me contasse... que que você acha... qual é a sua opinião... a opinião que você tem a respeito dessa escola... onde você estuda...

I: ah... aqui a escola? a escola é ótima... a gente... tem um ótimo relacionamento... entre alunos... professores... diretores... funcionários... *é claro* [que tem aqueles que não respeitam muito.]. né? mas dá pra levar... a escola é:: limpinha... bem... bem cuidada... é arejada... os professores estão sempre... de bem com a vida... a gente chega... brinca... são divertidos... fazem um bom ambiente com a gente... eu acho super... legal porque... a gente pode chegar aqui e não achar “ah... a escola... é aquele lugar... sério onde você tem que ir só pra estudar...” lá você faz um outro ambiente... aqui pelo menos a gente faz/ eu acho super maneiro... porque:: a gente chega... e não é... não é aquela coisa tão séria... é bem divertido... a gente se sente numa rua... com outros amigos... a gente vem sempre... se encontra sempre... e isso faz um lugar legal...

E: está legal... obrigada... (Simone, 12. Relato de Opinião – D&G)

O predicar **É claro** seleciona a sentença encaixada completiva sujeito que tem aqueles que não respeitam muito. Pode-se considerar que, do ponto de vista semântico-discursivo, a construção *é claro* está expressa na modalidade epistêmica asseverativa. O locutor espera que o interlocutor compartilhe da informação veiculada como óbvia. Torna-se claro a marca de (inter) subjetividade do falante quando ele convida o interlocutor a aceitar o que é dito, isso é

reforçado pelo uso do marcador discursivo “né”. O falante/conceptualizador enumera as características positivas da escola em primeira pessoa, ao citar um caráter negativo opta por utilizar uma construção de valor impessoal a fim de se descomprometer, com esta estratégia, o falante/conceptualizador se distancia da cena evocada.

Dado 2

O senhor se declara metrosssexual. É inevitável ser vaidoso no seu ramo? Eu valorizo mesmo a beleza do espírito, mas é óbvio que uma pessoa que não cuida do corpo é menos atraente, parece desleixada, o corpo. Afinal, é templo de Deus.

(Revista Veja)

No exemplo acima nota-se a construção impessoal com o predicador **É óbvio** que seleciona sintaticamente a completiva subjetiva que uma pessoa que não cuida do corpo é menos atraente, parece desleixada, o corpo. Afinal, é templo de Deus. Semanticamente, é um modalizador epistêmico asseverativo com a expressão do ponto de vista do falante que realiza um julgamento em relação às pessoas que não cuidam do corpo e espera que o interlocutor compartilhe do seu pensamento, o que revela marcas da intersubjetividade do falante. Encontramos uma construção completiva impessoal, pela matriz estar em 3º pessoa do singular e não haver a inclusão do falante na completiva, mas abarcar a pessoa de um modo bem geral. O entorno é rodeado de primeira pessoa: No trecho “eu valorizo”. Temos a relação geral, impessoal da construção em 3ª pessoa, versus o entorno expresso em 1ª pessoa. Com isso o jornalista se descompromete, se distancia da informação da construção completiva.

A (inter)subjetividade pode ser verificada na medida em que o conceptualizador se preocupa em argumentar a fim de convencer o conceptualizado, mas não se verifica um valor de verdade, não se assemelha a um fato, pois o entorno está rodeado de avaliação, um dos fatores externos que contribuem para que a construção se torne menos asseverativa. O falante deixa bastante explícito de que se trata de um julgamento feito por ele.

Considerações Finais

Com base na análise de dados, é possível verificar a concretização da hipótese de que a posição inicial da sentença é a posição dos modalizadores. Verifica-se ainda que a modalidade

epistêmica é expressa em um *continuum* e é possível perceber um desdobramento mesmo nos epistêmicos de precisão, a depender das manobras discursivas utilizadas pelo falante, ou seja, a caracterização do entorno é deveras importante ao analisar a construção asseverativa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suarez. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A Arte de Argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. 13ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

ACHARD, Michel. *Representation of Cognitive Structures. Syntax and Semantics of French Sentential Complements*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BYBEE, J. *Mechanisms of change in Grammaticalization: the role of Frequency*. In: Joseph e Janda (editors). *The Handbook of Historical Linguistics*. Balckwell Publising, 2005.

CARNEIRO, I. C. *Um recorte dos advérbios em –mente: contribuição para o estudo dos modalizadores sentencias no português*. Tese de Mestrado. Assis, 1989.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP / Contexto, 2010.

CHAFE, Wallace L. *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

DIAS, Nilza B.. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva, volume 44. *Revista Confluência*, v. 44/45, p. 83-106, 2013.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach*. Chicago: University Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE. N. Agent-Oriented VS. Epistemic Modality: Some Observtions on German Modals. In: *Modality in Grammar and Discourse*. Bybee & Fleischmann. John Benjamins, 1995.

_____. B. Grammaticalization. In: Joseph e Janda (editors). *The Handbook of Historical Linguistics*. Balckwell Publising, 2005.

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 13^a. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: Thompson & Haiman (eds). *Clause combining in grammar and discourse*. J. Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1988.

LYONS, John *Semântica*. Lisboa: Editorial Presença / Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-31.

MARTIN & WHITE. *The language of evaluation. Appraisal in English*. London. Palgrave Macmillan, 2007.

NEVES, Maria Helena. Modalidade. In: *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas / São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

NEVES, Maria Helena. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena. A modalização na linguagem In: *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin / New York: Mouton of Gruyter, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth C. & DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VESTERIAN, Ranier. Impersonals with ser(‘to be’) and the domain of effective control. *Language Sciences* 41, p. 143-152, 2014.

VIEIRA, Amitza Torres. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais e uma empresa em processo de mudança*. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem). 2007. 168 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / Faculdade de Letras.